

CLIMA DE CONFRONTO

HORA DE ENSARILHAR AS ARMAS

Há duas maneiras de agir diante das mais de 300 mil mortes por covid-19 registradas no Brasil desde o ano passado. A primeira é considerar esse número um acidente e insistir no clima de confronto político visto até aqui em torno da pandemia. Agir assim significa continuar usando o mais grave problema de Saúde pública da história como uma desculpa para prosseguir num confronto político que jamais nos levou a lugar algum. Significa manter o clima de rinha entre os militantes mais extremados da esquerda e da direita, entre o “nós” e o “eles”, que só ajudou a tornar pior um cenário que já seria ruim sem essa ajuda.

A outra ação possível é se convencer de que não adianta procurar saber quem tem razão numa guerra que, se prosseguir como está, terminará com a derrota dos dois lados e da qual ninguém sairá vivo. É preciso procurar uma nova forma de agir! É preciso olhar com indignação para a quantidade assustadora de vítimas e passar a levar a sério as ações preventivas capazes de reduzir as taxas de contaminação. Do contrário, as 300 mil vidas que já se perderam logo parecerão um número pequeno.

É preciso, portanto, insistir no uso das máscaras, ter um tubo com álcool em gel sempre à mão e evitar todo e qualquer tipo de aglomeração. Ou seja, não basta cobrar que as autoridades, e apenas elas, tomem as providências capazes de debelar a pandemia. É preciso que cada um de nós faça o que estiver a seu alcance e contribua para manter a salvo o maior número possível de pessoas até que a vacinação em massa consiga por um ponto final nessa tragédia. E isso pode estar próximo.

Nasexta-feira passada, o Instituto Butantan, de São Paulo, encaminhou

para a Anvisa o pedido de autorização para o início dos testes clínicos — ou seja, em humanos — da ButanVac. Trata-se de uma vacina totalmente desenvolvida no Brasil. Pela previsão oficial, se o processo andar de forma acelerada, a produção e a distribuição do imunizante pode ter início já no mês de maio. Dentro do instituto, porém, há quem acredite na possibilidade de dar início à produção ainda em abril.

REAÇÃO TARDIA — Na quarta-feira passada, no mesmo dia em que a marca trágica de 300 mil mortes foi alcançada, um evento no Palácio do Planalto, em Brasília, ofereceu a maior oportunidade que o país teve até agora para se chegar ao entendimento nacional em torno das formas de combate à pandemia. Ali, o presidente Jair Bolsonaro propôs reunir integrantes dos três poderes, além de representantes dos estados, num comitê encarregado de estabelecer as ações necessárias para combater o coronavírus.

A reação de Bolsonaro, evidentemente, é tardia e ninguém pode afirmar que essa mudança de ânimo é para valer. Mais de uma vez durante a pandemia, o presidente pareceu acei-



tar os protocolos de segurança para logo em seguida voltar a zombar dos defensores das medidas de isolamento e a surgir sem máscara em meio a apoiadores aglomerados.

O golpe que ele sofreu ao ter que abrir mão de Eduardo Pazuello, um ministro que jamais ousou contrariá-lo, parece ter sido mais profundo do que os anteriores. E tudo indica que, desta vez, sua intenção de passar a respeitar os protocolos recomendados pelos médicos e a tomar medidas concretas pela solução do problema deve ser levada a sério. Se aqueles que jogam nas costas do presidente toda responsabilidade pelo estado a que a pandemia chegou estiverem mesmo dispostos a resolver o problema (e não apenas a faturar com o eventual fracasso do governo), a hora é esta!

O melhor que todas as forças políticas têm a fazer é aproveitar a oportunidade aberta pela mudança de humor do presidente, pular para dentro do barco e começar a remar, todos numa mesma direção. Insisto:

se o objetivo dos críticos de Bolsonaro é mesmo salvar vidas, o importante agora é baixar a bola, ensarilhar as armas e finalmente começar a traçar uma estratégia comum, viável e recomendada pela Medicina para nos livrar dessa situação.

Isso não significa perdoar nem eximir o presidente da responsabilidade pela comportamento que ele assumiu desde o primeiro momento da crise. Exigir que Bolsonaro se desculpe por ter insistido em considerar a covid-19 uma “gripezinha”; por ter chamado o corona de “vírus chinês”; ou por ter defendido a tal da cloroquina e o “tratamento precoce” como soluções para a doença é algo que pode ser deixado para depois. A hora, agora, é de fazermos uma aliança poderosa contra o vírus.

TRANSFERÊNCIA DA AGLOMERAÇÃO — Ao invés de elevar o tom das críticas a Bolsonaro, o melhor a fazer neste momento é sugerir que outras autoridades abram mão de determi-

nados interesses e evitem disputas que também podem ser deixadas para depois. A troca de farpas entre o governador Cláudio de Castro e o prefeito Eduardo Paes que se viu nos últimos dias é um bom exemplo de como não se deve agir neste momento. Todos devem ter mais calma nesta hora. Isso vale para todos. Inclusive para a própria imprensa que, ao insistir em apimentar as divergências entre os dois, acaba estimulando um debate que, neste momento, não é do interesse da população.

O melhor que o governador e o prefeito podem fazer agora é deixar os desentendimentos para mais adiante. E, a exemplo da proposta de Bolsonaro, liderar a criação de um grupo que defina uma política comum, a ser seguida pela capital e por todos os municípios fluminenses, entre Parati, no extremo Sul, e Porciúncula, no extremo Noroeste do Estado do Rio.

A falta dessa política comum está ameaçando entulhar de gente as cidades turísticas do litoral e da Região Serrana. Isso pode significar, em casos mais extremos, apenas a transferência dos locais de aglomeração e, portanto, de disseminação do vírus. É preciso que cada um de nós ponha a mão na consciência e se torne um defensor das medidas de isolamento.

Se não for impossível ficar em casa, que pelo menos não se dispense o uso das máscaras e do álcool em gel. Embora ainda haja problemas com a distribuição das vacinas, é provável que tudo será regularizado logo e que em abril e maio estejamos vendo a campanha de imunização evoluir num ritmo muito mais acelerado do que o atual. Até lá, o melhor a fazer é seguir as recomendações e evitar contrair a doença justo neste momento em que a solução está a caminho.

(Siga os comentários de **Nuno Vasconcellos** no twitter e no instagram: **@nuno_vccls**)

OPINIÃO

Faltou ar



Gabriel Chalita
escritor e professor

Eu não entendi direito o que aconteceu. Só sei que aconteceu. A Fabíola morreu. A Fabíola é filha da Antonia, enfermeira das doenças do corpo e dos abandonos da alma. Eu mesma fui, por ela, acolhida desde sempre.

Meu pai morreu antes de me conhecer, não pôde esperar. E minha mãe, de doença em doença, viveu de ausências. Lembro dela, em um inverno inteiro, em qualquer estação. No dia em que ela foi ser recebida pelo meu pai, é o que quero acreditar, descansei de ver a sua dor e doí inteira a sua partida.

Antonia, desde sempre, falou dentro de mim, e, então, permaneci vivendo os meus dias. Nunca pude desistir. Ela não deixava. Ria

das esquisitices dela mesma, das manias que toda gente tem e que nem sempre revela. Ria de estar viva e de ser feliz por inteiro.

A luz acordava esclarecendo o dia e me lembrando de que a bondade era minha vizinha. E ela pedia licença para entrar e trazer um pedaço de bolo de milho com coco para explicar à vida que merecíamos saborear a alegria. Depois, me arrastava para caminhar. E, se eu estava triste, dormia no sofá dos meus medos para espantar o que me trazia desconforto.

Essas coisas eu não concordo. Por que justo a filha dela teve que morrer? A filha que cresceu comigo. A filha que me ensinou a ficar bonita, usando maquiagens estrangeiras que a mãe comprava. E ria o mesmo riso da mãe. Usavam, vez em quando, a mesma roupa. Era bonito demais de ver. A mulher e a menina e o mundo inteiro cabiam naquele amor.

A Alzira, que é muito religiosa e frequente sempre a minha vida, disse que me falta fé. Que nem tudo tem

explicação. Mas eu não entendo. A mãe só faz o bem, a mãe tem uma única filha, a mãe já não tem mais a única filha, e sei que ela vai continuar fazendo o bem. Só que com o coração faltando o maior pedaço.

Eu sei que, como a Antonia, como eu e a Alzira, tem muita gente sofrendo nesses tempos. Enquanto uns brigam, outros enterram seus mortos sem despedidas. E voltam para casa querendo acreditar que o dia da dor não existiu. Existiu, sim.

Tão pouca gente no enterro de Fabíola. Velório nenhum. E Antonia despedaçada sem dizer nada. Ela que cuidou de tantas vidas, nesses tempos horrendos. Ouvia suas emoções dizendo da tristeza de não ter respirador para todo mundo. De mães gritando, quando recebiam a notícia, de filhos inconsoláveis. E, agora, era a vez dela.

A filha morreu no mesmo hospital em que ela trabalha. No corpo sem vida, o útero seco engolia nada de um desmentir da natureza das

coisas. Não é justo uma mãe enterrar uma filha. Alzira disse algumas palavras. Fez uma oração triste e bonita. Tudo muito rápido, como rápido foi o existir da vida de Fabíola. Da Fabíola que sonhava em ser enfermeira como a mãe, que brincava de medicar as bonecas, que ajeitava o quarto como se fosse um hospital de criança.

O quarto ainda está lá com os brinquedos, sem compreender a ausência. As gavetas revelam pedaços de papel com vidas inteiras, fotografias das duas juntas, paninhos, bijuterias, cadernos e não sei mais o quê, parei de ver. Sobre a mesa do quarto, outros retratos, perfumes, maquiagem e uns bilhetes de amor. No espelho, grudada uma das tantas cartinhas da mãe, quando saía cedo para trabalhar e queria surpreender a filha. Meu Deus, e agora? Eu sei que, em toda a rua, mora uma dor, mas é a Antonia que eu conheço que, hoje, sente a dor mais doída do mundo.

No rádio, dizem que já morreram mais de 300 mil pessoas. Eu pego a minha Bíblia e a aperto contra o peito. Fico em silêncio conversando com Deus. Ouço os comentaristas falando que demoramos para acreditar no vírus, na vacina, na ciência. Falam de outros países que cuidaram melhor dos seus filhos.

Eu não entendo dessa brigaia-toda. Não concordo com quem concorda com a mentira. Falam de armas. Eu que sou da paz, fico intrigada. É disso que precisamos?

Estou fazendo uma sopa para levar para Antonia. Eu sei que ela tem fome nenhuma, mas vou ficar perto dela, talvez sem dizer nada, talvez chorar doído com ela. Faço a confissão da sinceridade, o tempo vai aliviar um pouco, mas a vida sem Fabíola vai ser um jardim difícil de brotar beleza.

Céus, é a Antonia cantando. “Acorda mulher, o dia está lindo”. Que horas são? Ufa, no meu caso, foi um pesadelo...

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE

Alexandre Donizeti

EDITOR-CHEFE

Aloy Jupiara

SUBCURADORES

Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE

Alessandro Matheus

DESIGNERS

Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS

Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:

Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.

Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.

Fax Diretoria: 2507-1038.

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica.

Gerência Industrial: 3891-6002.

Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br

Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

Outros estados: 2222-8279- De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).